



Potencial de uma trilha mental. No espólio do teórico da literatura Wolfgang Iser¹

Mental path potentiality: at the booty of Wolfgang Iser, literary theorist

Hans Ulrich Gumbrechtⁱ
Universidade de Stanford

Tradutor:
Luiz Costa Limaⁱⁱ
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo: O presente ensaio apresenta o último desenvolvimento da obra do teórico da literatura alemão Wolfgang Iser, explorando em seu espólio as anotações acerca do conceito de “emergência”. Apenas esboçado pelo autor nos últimos anos de sua produção, ressalta-se seu diálogo tenso com a filosofia da história hegeliana, destacando-se pelo conceito em elaboração uma concepção de história que, motivada pela criatividade potencial do humano, não pode ser objeto de prognóstico, tão somente de descrição.

Palavras-chave: Wolfgang Iser; “emergência”; filosofia da história; anti-substancialismo.

Abstract: This essay presents the latest development in the work of German literary theorist Wolfgang Iser, exploring his collection of notes on the concept of “emergence”. Only sketched out by the author in the last few years of his production, it highlights his tense dialog with the Hegelian philosophy of history, showing, through the developing concept, a conception of history that, motivated by the potential creativity of the human being, cannot be the object of prognosis, but only of description.

Keywords: Wolfgang Iser; “emergence”; philosophy of history; anti-substantialism.

¹ Título original: *Potential einer denkspur. Zum nachlass des literaturtheoretikers Wolfgang Iser*. Tradução de Luiz Costa Lima feita sob a supervisão de Beate Hohmann.

Diante de uma contemporaneidade intelectual que de preferência se vê posta por várias redes de obras, ao invés de os próprios pensadores se crerem dotados da força da autoridade individual, espera-se a orientação do diálogo com os pensadores eminentes do passado. Para a situação alemã, essa preferência esclarece por que, junto aos diálogos aparentemente inesgotáveis com os clássicos, como Walter Benjamin e Aby Warburg, também o número de publicações postumamente aparecido dos espólios de Hans Blumenberg e Niklas Luhmann tem mantido o passo com o ritmo de publicações admirado em suas vidas. Para satisfazer a necessidade que se espera para o futuro, neste entretempo o arquivo da literatura alemã em Marburg retém a segurança dos títulos pelas chamadas “concessões”, convertidas em um interesse cultural.

Dentro da ciência da literatura, nenhuma posição se oferece mais significativamente para tal função do que a obra do grande anglicista Wolfgang Iser, morto em janeiro de 2007. Quem mentalmente tenha vivido ao mesmo tempo que Iser poderá compreender por que, no discurso de exéquias, um amigo seu o lembrou como um “príncipe do espírito”. Iser nasceu em 1926, em uma constelação decisiva da filosofia ocidental. Um novo e rigoroso estilo de pensar, que hoje chamamos “filosofia analítica”, então se estabelecia; Edmund Husserl e, a partir de suas estimulações, o movimento da fenomenologia firmavam a esperança de alcançar o papel clássico do sujeito cognitivo dos tempos modernos, através da investigação introspectiva e do controle de suas estruturas; e, ao mesmo tempo, 1926 era o ano em que Martin Heidegger terminava o manuscrito de seu livro, *Sein und Zeit*, que logo mudaria a cena do pensamento, pois seus conceitos centrais de “estar-no-mundo” e “Ser” provocariam a epistemologia do moderno por efeitos duradouros. Iser teve em vista essa complexa dinâmica e a desdobrou, sobre a literatura, por um estado de alerta extraordinário. Uma análise de textos e de seus efeitos numa antropologia que avançava era o ponto de fuga do trabalho que descreve programaticamente pela admissão na Academia de Heidelberg: “descobrir em que medida e de que forma a literatura reivindica nossa capacidade, antes de tudo formula com frequência para nossa consciência, para daí, formular as percepções e hábitos de representação”.

A conclusão deste projeto não foi alcançada. Com sua morte, Iser deixou dois ensaios inéditos e cerca de uma centena de fragmentos datilografados que giram em torno do

conceito inédito de “emergência”. A disposição intelectual de nosso tempo sugere que nós agora extrapolemos as conclusões a que ele teria podido chegar em seu livro inacabado. Gostaria de empreendê-lo em dois passos. Descreverei, primeiramente, o desenvolvimento da obra de Iser com uma sequência de quatro fases, com o propósito de captar seu impulso de partida e a direção em que avançou. Com esse fundamento, deveria ser possível configurar teses sobre a forma provável e os resultados possíveis da obra de Iser sobre a emergência.

A sequência particular de seu pensamento concretiza-se na observação de que cada um dos problemas levados a cabo por Iser provocou grandes passos na forma de uma questão aberta até seu grau ulterior. De acordo com os escritos de qualificação acadêmica, seu trabalho ganhou, a princípio nos últimos sessenta anos, sua identidade como uma teoria do texto de orientação específica. Sob a guia do conceito de *estrutura apelativa* do texto, Iser assinala que lhe importa reconstruir como autores desenvolvem um percurso para seu “leitor implícito”, que lhes possibilita trazer à leitura o saber investido em movimentos alterados. Com a constrição de texto e receptores, a pergunta desdobra-se em um processo que esses movimentos provocam e faz da bipolaridade de texto e leitor uma síntese. Sua descrição detalhada aparece em *Der Akt des Lesens*², o livro mais exitoso de Iser, dedicado ao “repertório do texto” e às “estratégias do texto” – contra-intuitivas – como atividades constitutivas da leitura atualizada e dirigida à atenção de sua energia liberada. A terceira fase experimental de Iser identifica a imaginação com aquela capacidade, analisa os “atos de fingir” como elementos de sua concretização e postula que, através dela, o imaginário como substância de conteúdo não formatado primeiro ganha sua forma como “ficção”. Na forma de ficções, advém, contudo, algo novo no mundo, que, sem elas, não poderia haver e, de sua parte, como gênero, oferece ao leitor experimentar-se do lado externo da própria alteridade, enquanto por outra parte a mesma imagem totalizante deve abrir a possibilidade de compreender a literatura como uma atividade humana específica. Com essa dupla perspectiva, é alcançado o nível conceitual e epistemológico de uma “antropologia literária”, a quarta e última parte concluída da obra de Iser. Em seguida, em vez de restringir-se a completar sua antropologia literária em uma multiplicidade de estudos complementares, Iser

² ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: Uma teoria do efeito estético**, vol. 1 e 2, tradução de Johannes Kretschmer, São Paulo: editora 34, 1996 / 1999.

viu-se fascinado pelo sentido verbal deste problema histórico-filosófico: sob quais condições da evolução humana a “literatura” pode emergir como um meio de auto-observação. Esse problema trouxe Iser ao conceito de “emergência”, o tema do livro inacabado.

Hoje se impõem duas reações face ao caminho conjunto do pensamento de Iser. Independentemente da concordância com as visões projetadas pelas cascatas de conceitos de Iser, admirar-se-á que neles se mostre e seja transparente sua complexidade permanente. No quadro da tradição científico-literária, ela era tão extraordinária que sobrecarregava e diferia da obra de muitos colegas de Iser. Pela mesma razão, a obra de seus eminentes precursores – pensamos em Erich Auerbach ou Ernst Robert Curtius – não alcançava o leitor erudito alheio à sua disciplina. Sobre isso, Wolfgang Iser pode falar, em alguns de seus últimos escritos, com um tom espantoso de resignação. Além disso, também surpreende que no contexto alemão do movimento *Poetik und Hermeneutik*, de cujos fundamentos partilhava, não só a teoria da história, mas também a própria historicidade, enquanto dimensão primária de longa duração, desempenha um papel subordinado no trabalho de Iser.

O seu manuscrito sobre a emergência pode ser lido como vestígio do esforço em alcançar a dimensão da história, por efeito conceitual, que poderia reivindicar a distância quanto ao tipo hegeliano de filosofia da história. Iser nomeava “emergência”, em primeiro lugar, aquele processo de cultura em que os homens produzem, através da atividade cotidiana e nunca externa, a interpretação das coisas e circunstâncias de seus próprios “mundos”. Muito no sentido da antropologia filosófica clássica, os “mundos” serão a propósito compreendidos como compensação do instinto de orientação que os homens, enquanto “seres carentes”, devem ter perdido. Como estes “mundos” serão projetados em uma realidade – para nós nunca imediatamente acessível –, Iser fala em “externalização” – tais projeções provam-se mais ou menos exitosas e, em consequência, também infinitamente otimizáveis.

Totalmente em primeiro plano dos manuscritos depositados, depara-se o esforço de Iser em explorar o potencial do conceito de “emergência” como uma alternativa ao conceito de história. Fascina-o que a emergência não presuma nenhum “fundamento substancial”, em consequência nenhum princípio, nenhuma direção linear e meta alguma; também que, dentro dos processos de emergência, podem ser identificadas as portas da descontinuidade que, respectivamente, abrem uma multiplicidade de novas possibilidades de práxis, sem as

quais não se previa qual dessas possibilidades será levada à próxima porta. Os processos de emergência não podem, então, ser prognosticados, apenas descritos e relatados. Iser esboça por fim a origem do paradigma aristotélico de “natureza” e sua “imitação” e do paradigma de “autoria” como “criação”, no século XVIII, como momentos dessa descontinuidade, sem considerar a sua subordinação respectiva através de uma nova história da literatura direcionada pela emergência.

A quantidade de novos pensamentos ressaltados pelos manuscritos de Iser sobre a emergência é imponente. Mas aquela impressão de uma conclusão e de uma pergunta reiterada que até então fosse a última fase de um eixo da obra de sua vida desaparecera; não mais se põe nos escritos duradouros. Será frustrado quem do espólio do mais significativo teórico da literatura de seu tempo espere uma derradeira teoria coerente. Mas, justamente, a primeira impressão de frustração pode tornar-se intelectualmente fecunda caso se compreenda as dificuldades de Iser – a exemplo de sua própria teoria da cultura como um processo sugerido por projeção de mundo infinitamente otimizável – como abordagem de uma crítica (e assim de uma otimização) de premissas fundadoras da teoria literária clássica. Pois torna-se primeiramente significativo que Iser, teórico universal, tenha superestimado a promessa teórica do conceito de emergência; processos que não se deixam prognosticar porque neles regra alguma de mudança é descoberta, de modo que esta apenas pode ser detalhadamente reconstruída e descrita, mas não comprimida em teses filosóficas. Em segundo lugar, os problemas de Iser são maior razão à pergunta se as ciências do espírito não foram mais longe em seu anti-substancialismo que não fosse o avesso de todo o construtivismo canonizado. Em consequência, há de fato boas razões epistemológicas para o ceticismo face à esperança de que nós nunca poderemos alcançar a “realidade real”, mas incluir essa possibilidade como limite conduziu nosso pensamento e ação à aleatoriedade improdutiva. Niklas Luhmann se referira a esse problema fundamental na introdução de sua obra capital, *Soziale Systeme*, publicada em 1984.

Que Wolfgang Iser, em sua obra tardia, tenha se esforçado tão inabalavelmente em um rascunho do conceito de emergência como alternativa à teoria superada de história pode haver sido sua reação ao pressentimento captado no ainda não conceito que a cultura ocidental global não mais se orientava por aquela premissa de temporalidade que emergira na passagem para o século XIX e que o pensamento tivesse dela se apropriado com tal

intensidade que se manteve por muito tempo como “história em si”. O amigo de Iser, Reinhardt Koselleck, trabalhara por décadas na historicização dessa compreensão da história, sem jamais falar em seu fim possível. Wolfgang Iser buscou no fim de sua obra, com a paixão distanciada de um príncipe do espírito, uma alternativa, e morreu sem poder fazer-se consciente da razão de sua paixão.

REFERÊNCIAS

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Potential einer Denkspur. Zum Nachlass des Literaturtheoretikers Wolfgang Iser. In: ISER, Wolfgang, **Emergenz**, editado por Alexander Schmitz, Konstanz University Press, 2013.

ⁱ Professor de Literatura Comparada da Universidade de Stanford desde 1989, Hans Ulrich Gumbrecht é crítico literário e filósofo, tendo publicado obras importantes no campo da teoria literária, da filosofia e da teoria da história, como *Em 1926: Vivendo nos limites do tempo* (1999) ou ainda, mais recentemente, *Nosso amplo presente: O tempo e a cultura contemporânea* (2015).

Universidade de Stanford

E-mail: sepp@stanford.edu

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6364-7723>

ⁱⁱ Professor da PUC-Rio e teórico e crítico literário, Luiz Costa Lima é autor de obras importantes para a teoria literária e a teoria da história, dentre os quais *Mimesis: desafio ao pensamento* (2000) e, último lançado, *Mimesis: a via longa de uma curta vida* (2024).

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

E-mail: l8danil@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2943-1296>

Recebido em 22/01/2025

Aceito em 06/02/2025



Eutomia, direitos autorais de Hans Ulrich Gumbrecht e Luiz Costa Lima, 2025, licenciado sob [Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional \(CC BY 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).